



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO
CURSO DE GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA**

MARIA TAYNAH GOMES BENICIO

**RECURSOS LÚDICOS NA PSICOTERAPIA INFANTIL: RELATO DE
EXPERIÊNCIA DE UMA ESTAGIÁRIA EM GESTALT-TERAPIA**

FORTALEZA

2021

MARIA TAYNAH GOMES BENICIO

RECURSOS LÚDICOS NA PSICOTERAPIA INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA
DE UMA ESTAGIÁRIA EM GESTALT-TERAPIA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito para obtenção
do grau de Bacharel em Psicologia do
Centro Universitário Fametro –
UNIFAMETRO.

Orientador (a): M.^a Aline Gadelha de
Almeida Duarte.

FORTALEZA

2021

MARIA TAYNAH GOMES BENICIO

RECURSOS LÚDICOS NA PSICOTERAPIA INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA
DE UMA ESTAGIÁRIA EM GESTALT-TERAPIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia do Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO, tendo sido aprovado pela banca examinadora composta pelos professores:

Orientador (a): M.^a Aline Gadelha de Almeida Duarte.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Me. M.^a Aline Gadelha de Almeida Duarte
Orientador – Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO

Profa. Dr. Letícia Decimo Flesch
Membro - Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO

Profa. Me. M.^a Teresa Gláucia Gurgel Gabriele Costa
Membro - Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO

Dedico este trabalho à minha família, ao meu namorado e futuro esposo Leonardo. Também a minha orientadora Prof.^a Aline Gadelha de Almeida Duarte que colaborou extremamente para a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao universo, pois acredito que tudo nessa caminhada terrena tem o seu devido propósito, nada acontece por acaso, com o tempo todos nós vamos encontrando ou criando nossa missão nesse plano. E o meu é de trabalhar, evoluir, com pessoas para pessoas.

Agradeço a mim mesma, por ser exatamente quem sou. Tenho um imenso orgulho de quem eu fui um dia, de quem eu sou agora e de quem estou me tornando, e sei que sempre estarei em constante evolução. Sinto que nesses últimos anos envelheci, me senti impotente, com poucas esperanças, mas algo lá no fundo do meu eu, me fez acreditar que sempre haverá uma nova oportunidade em cada amanhecer, e que agradecer nunca será o bastante.

Agradeço com todo o meu amor e respeito, ao meu namorado e futuro esposo Leonardo. Gratidão pelo seu amor, respeito, paciência e companheirismo. Os anos podem passar o quanto quiserem, mas jamais esquecerei e deixarei de ser grata por esse momento específico da minha vida. Você me fez perceber nos pequenos detalhes do dia a dia o que significa o amor. Você me abraçou forte e me trouxe a força de toda a natureza ao olhar profundamente seus olhos cor de floresta, você me resgatou inúmeras vezes de todo o meu pessimismo, me convidando a enxergar os outros ângulos da vida. Você me ensinou lições de vida que aplicadas facilitam e deixam a vida bem mais leve. Gratidão por ser quem exatamente você é e por me deixar ser quem eu sou. Eu amo você.

Agradeço com todo o meu amor e mais pura gratidão, as minhas meninas, a minha família. Se não fossem vocês, talvez eu não seria totalmente quem eu sou hoje, gratidão por me proporcionarem o privilégio que é fazer uma graduação. Cada passo que realizo profissionalmente e pessoalmente tem uma parcela de educação e amor que recebi em casa. Gratidão por me amarem incondicionalmente e por me ensinarem a amar da mesma forma. Eu amo vocês para todo o sempre.

Agradeço com todo carinho e respeito, aos meus sogros. Gratidão por cada palavra e gesto de incentivo que recebi nesse ciclo que estou encerrando, vocês alegraram e me fizeram enxergar esperança em dias difíceis.

Agradeço com todo o meu amor e respeito, ao meu avô, Genaro (in memoriam). Sem ele, essa história não teria iniciado, com poucas palavras e mais ações, me ensinou

que tudo nessa vida é através de esforço. Que a confiança anda ao lado da verdade, que é um merecimento. Gratidão, vô Genaro, por tanto. Amo o senhor, e que o senhor esteja bem aonde estiver.

Agradeço com todo o meu amor e respeito, a minha tia, Simone. Gratidão pelas nossas conversas, elas sempre são significativas para mim. Sinto sua falta, mas sei que devemos estar aonde nosso coração se sente feliz, por isso sempre terá meu apoio. Amo você.

Agradeço com carinho e respeito, as minhas amigas. Vocês são mulheres incríveis, fortes e determinadas. Gratidão a cada uma, vocês fizeram que minha trajetória acadêmica tivesse um significado ainda maior, gratidão por cada sorriso, abraço, palavra dita e não dita, gratidão pela simples presença significativa.

Por fim, mas não menos importante, agradeço com todo o carinho e respeito, a minha eterna orientadora, Aline Gadelha de Almeida Duarte. A senhora foi de extrema importância na finalização desse ciclo, sua competência e interesse em realizar um excelente trabalho, contagiou-me, fazendo com que desse o meu melhor. Gratidão.

Dê aos seus sonhos tudo o que você tem. E
você se surpreenderá com a energia que
surge de dentro de você.

William James

RESUMO

O período de estágio na graduação é um momento importante, pois o estagiário põe em prática tudo que vem aprendendo desde o início da graduação. Nesse contexto, convém ressaltar a relevância da supervisão que tem o objetivo de amparar e proporcionar um espaço de experiência e aprendizagem ao estagiário, para que o mesmo possa compartilhar seus desafios e dúvidas em relação ao processo vivenciado. A partir desse cenário relacional entre estagiário e supervisor, ressaltamos a importância de uma relação acolhedora e empática como forma de consolidar o processo de amadurecimento acadêmico. No cenário de psicoterapia infantil, a utilização de recursos lúdicos no manejo clínico foi de suma importância visto que esses contribuíram para fomentar uma livre expressão de sentimentos e pensamentos, assim como também de propiciar um brincar espontâneo e significativo. Portanto, a presente discussão tem como objetivo geral apresentar o relato de experiência em prática clínica com o público infantil na vivência com recursos lúdicos na Gestalt-terapia numa clínica escola; para a discussão do tema geral da pesquisa foi necessário: conhecer sobre as especificidades do ser criança e da infância, explanar sobre os aportes teóricos da Gestalt-terapia e analisar a prática clínica do Gestalt terapeuta com o público infantil. A utilização de recursos lúdicos foi um ponto crucial para que a criança se desenvolvesse através do brincar suas potencialidades e singularidade. Mesmo diante das adversidades existentes no processo terapêutico, torna-se relevante acolher, entender e respeitar o mundo no qual a criança está imersa.

Palavras-chave: Atendimento infantil. Gestalt-terapia. Recursos lúdicos.

ABSTRACT

The internship period in graduation is an important moment because the intern puts into practice everything he has been learning since the beginning of graduation. In this context, it is worth emphasizing the relevance of supervision, which aims to support and provide a space for experience and learning for the intern, so that he can share your challenges languish and doubts about the process he has experienced. From this relational scenario between intern and supervisor, we emphasize the importance of a welcoming and empathic relationship as a way to consolidate the academic maturation process. The use of ludic resources in front of children was of paramount importance since they contributed to the development of management that made playing free and meaningful for children. Therefore, the present discussion has as its general objective to present the report of experience in clinical practice with the child audience in the experience with playful resources in Gestalt-therapy in a school clinic; for the discussion of the general theme of the research it was necessary: to know about the specificities of being a child and childhood, to explain about the theoretical contributions of Gestalt-therapy and to analyze the clinical practice of Gestalt therapist with the child audience. The use of playful resources was an assertive point for the child to develop through playing their potential. Even in the face of adversities in the therapeutic process, it will always be relevant to welcome, understand and respect the world in which the child is immersed.

Keywords: Child care. Gestalt therapy. Playful resources.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
2. COMPREENDENDO AS ESPECIFICIDADES DO SER CRIANÇA E DA INFÂNCIA	13
3. GESTALT-TERAPIA: UM CAMINHO A SER PERCORRIDO.....	20
3.1. A GESTALT-TERAPIA NA CLÍNICA INFANTIL: UM OLHAR SOBRE AS ESPECIFICIDADES.....	24
4. METODOLOGIA	29
5. RELATO DE EXPERIÊNCIA	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

A universidade é um ambiente de construção que é bastante desafiador para qualquer estudante, pois trata-se de um espaço que o graduando irá deparar-se com um aprofundamento teórico e técnico, fazendo com que muitos desistam ou troquem de curso. Em especial, a graduação em Psicologia, possui complexidades no processo formativo durante todo o percurso do trona-se profissional (OLIVEIRA-MONTEIRO; NUNES, 2008).

O Profissional psicólogo, tem um papel de notoriedade nas instituições e para a sociedade como um todo, assim deve desenvolver sempre uma postura ética, sigilosa e acolhedora, independente do espaço ou área que aconteça sua atuação. Ao prestar atendimento ao público infantil, esse deve ser realizado de maneira diferenciada e singular por conta da necessidade de se criar um manejo acessível e lúdico (setting terapêutico) para esse público (CAMPOS; TOLEDO; FARIA, 2011).

Antes mesmo de tornar-se profissional, é exigido que o graduando realize etapas formativas de práticas, ferramenta dentre outras, que inclui o estágio. Nesse momento o acadêmico tem a possibilidade de pôr em prática os conhecimentos adquiridos durante toda a graduação, e sanar algumas dúvidas antes de sua formação, a fim de que tenha aquisição de conhecimentos ainda mais éticos, metodológicos, teóricos e vivencias (OLIVEIRA-MONTEIRO; NUNES, 2008).

Todo campo prático na graduação precisa de um professor supervisor, para dar suporte e direcionamento na postura e ações do futuro profissional, contribuindo para mudança comportamental do aluno. É crucial que o supervisor mantenha um contato próximo com o acadêmico durante suas atividades do estágio supervisionado, para que seja possível uma contribuição no aprimoramento de suas habilidades e competências (FREITAS; NORONHA, 2007).

Ao levar em conta todo o processo de formação na graduação de Psicologia, surgiu o interesse sobre temática a partir do estágio clínico supervisionado, onde foram vivenciados atendimentos voltados em especial ao público infantil. Atividades essas que, foram desenvolvidas no 9º e 10º semestres, correspondente aos estágios específicos I e II, nos anos de 2019 e 2020.

O ambiente de estágio, foi muito importante para o desenvolvimento da pesquisa, pois ao se tratar de uma clínica escola a diversidade de público foi ampla e

enriquecedora, inclusive no setor infantil, na qual foi possível se deparar com vivências pouco debatidas dentro da sala de aula. A complexidade no manejo clínico, desenvolver a sensibilidade de observar, atuar, estudar, encontrar ferramentas sensíveis e singulares no processo lúdico infantil.

Desse modo, o objetivo geral do presente trabalho é apresentar o relato de experiência em prática de estágio clínico infantil na vivência com recursos lúdicos na Gestalt-terapia; os objetivos específicos foram: conhecer sobre as especificidades do ser criança e da infância, explanar sobre os aportes teóricos da Gestalt-terapia e analisar a prática clínica do Gestalt terapeuta com o público infantil.

A Resolução nº 5, de 15 de março de 2011 do Conselho Nacional de Educação que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, garantiu o direito do psicólogo (a) de exercer o seu trabalho, seja no âmbito clínico, científico como também no meio educacional superior, visando os aprimoramentos necessários para a execução da profissão. Nesse contexto podemos destacar o inciso III, onde relata que, deve ser dada a possibilidade ao cursando de vivenciar e aprimorar as suas potencialidades, visando qualificá-lo para o mercado de trabalho (BRASIL, 2011).

Assim, o presente trabalho guiou-se a responder à pergunta norteadora: Quais são os limites e possibilidades que a prática do estágio supervisionado baseado na Gestalt infantil trouxe para o estagiário de psicologia? Sendo escolhida a modalidade de estudo relato de experiência, a fim de demonstrar a atuação do profissional de psicologia frente a questões a população infantil e contribuir em futuros estudos acadêmicos. O relato de experiência abordou temas como triagem, rapport, setting terapêutico, confiança, presença, contato, construção de vínculo, sigilo e questões éticas, além de compreensão diagnóstica, pois tais assuntos fizeram parte do processo psicoterapêutico com os clientes atendidos.

Espera-se que esse estudo forneça subsídios necessários aos profissionais de psicologia que se dediquem a pesquisar a população infantil com embasamento na Gestalt-terapia e com a utilização dos recursos lúdicos.

2. COMPREENDENDO AS ESPECIFICIDADES DO SER CRIANÇA E DA INFÂNCIA

Para iniciarmos nossa jornada na compreensão do que é ser criança e do que se trata infância, percebe-se que demandou tempo para que as Ciências Sociais e Humanas enfatizassem a criança e a infância como objetos centrais de estudos. Ainda se percorreu um longo período, para que as pesquisas levassem em consideração as análises e as relações entre sociedade, infância e escola, assimilando a criança como um sujeito histórico e portador de direitos (NASCIMENTO; BRANCHERV; OLIVEIRA; 2013).

A infância é construída ao longo da história e com influência nas mudanças sociais, na qual foram vivenciados processos de desconstruções e ressignificações (BERNARTT, 2016). O ser criança é proporcionado através da representação que o ser adulto lhe oferece em suas relações sociais. Kuhlmann e Fernandes (2004) relatam que a história da infância seria então a história da relação da sociedade e cultura dos adultos.

A medida que as relações foram se determinando vai obtendo diferentes tratamentos, as crianças começaram sendo entendidas em suas peculiaridades, desta maneira ganhando seu próprio cômodo, compatíveis para suas necessidades, obtendo assim um espaço maior no meio social a partir do século XVIII. As crianças são indivíduos que são criados no meio social, por isso a construção do seu caráter está diretamente ligada a fatores sociais e históricos (BERNARTT, 2016).

Portanto, a noção de infância no mundo contemporâneo não deve se desprender da história da humanidade, de seus inúmeros aspectos em torno do ser infantil que auxiliou para sua condição atual. O sentido de infância vem sendo construído historicamente, no qual se apresenta os seus valores presentes na sociedade em diferentes décadas (BERNARTT, 2016).

Até então, uma pequena parte dos historiadores haviam demonstrado interesse pelo tema da infância em suas pesquisas. Philippe Ariés foi um historiador francês que desenvolveu um estudo pioneiro sobre a criança e sua infância. Além de seu ofício historiográfico, realizou importantes trabalhos como jornalista e ensaísta (EDITORA UNESP, 2021). Os desfechos de Ariés sobre a história da infância tiveram um grande impacto nos meios acadêmicos e da educação e foram sem nenhuma

dúvida fonte de inspiração para numerosos trabalhos em diversas latitudes (PINTO; SARMENTO, 1997).

De acordo com Philippe Ariés (1981), não existia a compreensão da transição que existe da fase infantil para a fase adulta. A sociedade enxergava o ser criança como um adulto, só que em menor proporção. Em uma de suas falas o autor relata:

Na idade média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes em dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame tardio – ou seja aproximadamente, aos sete anos de idade. (ARIES, 1981, p.275)

A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus companheiros da mesma idade ou mais experientes das atividades diárias sejam elas de trabalho e lazer. O movimento da vida coletiva levava num mesmo fluxo as idades e as condições sociais (BERNARTT, 2016).

Segundo Ariés (1981), a inexistência de um sentimento da infância em séculos passados não significava necessariamente que as crianças fossem negligenciadas, desamparadas ou tratadas com desprezo. Uma coisa é a existência da ideia de infância, e outra a de afeição pelas crianças. Interpretavam que a criança logo que se exibia capaz de viver sem a constante presença da mãe ou da ama e manifestava um certo grau de discernimento de si e do mundo, se ia incorporando gradualmente na sociedade adulta. A idade referência para o início desta transição parece ter sido o perfazer dos sete anos, altura em que a igreja, desde o 4º Concílio de Latrão, evento esse que buscava afirmar o poderio político e religioso da Igreja Católica na Europa, e ao mesmo tempo construir e melhorar regulamentos dentro da instituição religiosa; ocorrido em 1215, considerava estar atingindo “algum discernimento”, era assim permitido a confissão, e nas cerimônias religiosas a comunhão (PINTO; SARMENTO, 1997).

Ocorreu historicamente uma relação entre a constituição da categoria de infância e a preocupação pedagógica: nas civilizações clássicas encontramos sinais de uma valorização da educação na Grécia (Paidéia), apesar de isso não implicar necessariamente uma atenção à infância como categoria especial de idade. Na Roma

imperial, pode observar-se a valorização da herança grega da noção de escolaridade, tendo como propósito um melhor desenvolvimento daquele ser, fazendo com o que se tornasse homem adulto e cidadão (PINTO; SARMENTO, 1997).

O auxílio da imprensa e o crescente interesse pela alfabetização, num quadro mais vasto de mudança social, fez com que surgisse aos poucos o interesse pela educação infantil, resultando uma necessidade de separação. Segundo Ariés (1981), pode-se denominar “uma espécie de quarentena”, na qual relativamente à sociedade dos adultos, os renovadores pedagógicos, os moralistas e os médicos defendem e consagram um olhar mais próximo ao infante. Partindo disso, a proteção e a formação de uma criança, reconhecidas como importantes, passam a recorrer a instituições específicas, escalonadas por níveis etários (PINTO; SARMENTO, 1997; BARBOSA; MARIA DAS GRAÇAS, 2013). Em uma de suas colocações, Ariés (1981) relata que a particularidade da infância não era algo que seria reconhecido e praticado por todas as crianças por conta das condições econômicas, sociais e culturais.

Na filosofia das Luzes, são vivenciados movimentos dos pensamentos e da literatura na Europa e em toda a América durante o século XVIII, antecedendo a Revolução Francesa (HISTÓRIA DO MUNDO, 2021). Este último foi um outro momento na história de caráter revolucionário, tendo grandes dimensões e que se alastrou pela França, ocorrendo entre 1789 e 1799; teve como base inspiradora o Iluminismo. Esses movimentos resultaram em modificações sociais e econômicas, marcando o início da queda do absolutismo na Europa (MUNDO DA EDUCAÇÃO, 2021).

A educação formal deve ser iniciada a partir dos 9 anos de idade e finalizado após a conclusão de três ciclos de quatro anos cada um, esse pensamento atribui às responsabilidades educacionais tanto para a família quanto ao Estado. No Estado, a diminuição do tempo escolar resulta a diminuição de gastos com escolas, educadores e alunos que fazem o ambiente escolar ocorrer. Outro ponto a ser analisado é a ampliação desse tempo, fazendo que o Estado atuasse com o propósito de governar e apoiar. Com todos esses acontecimentos, um novo significado ia surgindo em relação a classe social, o âmbito familiar e os papéis a serem desempenhados (GONDRA, 2010).

Novos investimentos, novas instituições, novos profissionais e serviços foram surgindo, voltados para um bom andamento da sociedade, que não era mais

baseada no contexto familiar que só a figura masculina trabalhava fora e a figura feminina era responsável por todo o espaço familiar. Já as manifestações em relação a pobreza e as reconfigurações no mundo do trabalho e da esfera domiciliar, seriam causadores por mover a ordem do discurso que passaram a admitir e a defender o trabalho regular junto à criança pequena, dando o devido reconhecimento e transformando o mundo do trabalho e do espaço familiar (GONDRA, 2010).

Junto a Revolução Francesa veio a consagração da nova sensibilidade, afirmando uma igualdade de nascimento no plano dos direitos e deveres individuais e uma necessidade da instrução para todos (PINTO; SARMENTO, 1997).

A sugestão, avançada por Ariés (1981) é que durante a Idade Média e princípios da era moderna, ocorre a “privatização da vida familiar” que seria um modelo alargado e patriarcal, evoluindo para um tipo nuclear.

Até aqui podemos ver o caminhar da construção social de uma nova realidade, relacionada provavelmente com as novas condições de vida e novas mentalidades que se vão difundindo a partir do Renascimento (PINTO; SARMENTO, 1997).

No Renascimento, no princípio da Idade Moderna, o sujeito obtém a centralidade localizando o ser humano como causador do seu destino e sobrepondo a razão humana à fé divina. Logo, entendia-se que a infância era algo que deveria ser construída, pois, tal fato transformaria a realidade, a criança era a ferramenta dessa transformação, é enxergada como um sujeito que possui um papel significativo para a sociedade, com o reconhecimento de suas especificidades, podendo ser digno de compreensão e educação (BERNARTT, 2016).

John Locke (1663) apresenta uma teoria que iria marcar ao longo de muito tempo as concepções, atitudes e práticas relativamente às crianças e à sua educação; sua teoria é nomeada de tabula rasa, na qual o ser humano recém-nascido seria como uma espécie de superfície de cera maleável, onde os adultos poderiam “escrever” o que julgavam ser importante ao seu desenvolvimento. Locke sinaliza a necessidade de uma atenção especial a esta “folha em branco” aos que estão mais perto, como os responsáveis e mestre-escola. É interessante cuidar da proteção e formação dos mais pequenos, para que se tornem cidadãos ativos e civilizados, alfabetizados e racionais.

Jean Jacques Rousseau (1712), inicialmente influenciado pelas teorias de John Locke (1663), propôs por sua vez, o seu próprio pensamento sobre infância e a

respectiva educação, a que logo se consagraria como uma das consideráveis propostas pedagógicas da modernidade. Segundo Rousseau, a criança é um ser que nasce bom e puro, fato que o torna significativo para si mesmo, sendo assim merecedor de piedade, proteção e de amor. Acredita que a primeira educação deve ser natural, significando em preservação da inocência e espontaneidade infantil; ele menciona que não se pretende ensinar a virtude nem a verdade, mas em garantir o coração contra o vício e o espírito contra o erro.

Os autores Locke e Rousseau localizam o reconhecimento do caráter decisivo da atenção e da intervenção dos adultos no processo de formação das crianças. Rousseau acredita que essa influência deveria fornecer proteção a fragilidade da criança, e já para Locke, a criança deveria abrir mão de sua infância para ser um adulto. Ambos, declaram reconhecimento da nova realidade que é a infância (PINTO; SARMENTO, 1997).

A infância ao curto espaço de tempo que mediava entre nascimento e os sete anos, as crianças exigiam ainda cuidados especiais de alimentação e proteção. Foi durante o Renascimento que ocorreram alterações significativas no que diz respeito ao que é sensível na infância, integrando com o mundo adulto. Porém, não aconteceu de imediato, para todas as classes sociais, fazendo com que crianças de classes elevadas fossem as primeiras a obterem o acesso à escola, e conseqüentemente a aprendizagem. Com o passar dos anos a sociedade foi devotando as crianças e à sua educação um certo grau de interesse. A ideia prevalecente é a de que a criança é um ser bom, espontâneo e criativo, portanto é suma importância gerar aspectos adequados para a confirmação das mesmas. (PINTO; SARMENTO, 1997).

A socialização das crianças, consiste no processo através do qual os indivíduos aprendem, elaboram e assumem normas e valores sociais, de acordo com o seu habitat, é por meio destes que se afirmam como indivíduos, e um destes meios é juntamente o núcleo familiar, que ajuda essas crianças a compreenderem tais leis sociais (PINTO; SARMENTO, 1997). É por meio da criação de uma regulamentação escolar, que outras convenções sobre a infância começam a ser vagarosamente discutidas. Conseqüentemente ocorrendo o surgimento de uma pedagogia infantil, gerando meios para a integração social para as crianças (CORSARO, 2003).

Na sociedade atual, crianças, adolescentes, adultos jovens e adultos velhos abrangem áreas reservadas, tais como creches, escolas, oficinas, escritórios, instituições de longa permanência, locais de lazer, etc. A exceção ocorre apenas na família. No contexto familiar é aonde acontecem os entrelaçamentos de gerações, menos de proximidade física, pois, uma vez que em muitas permanecem em distanciamento afetivo. Durante a algum tempo vem sendo questionada o papel da família, como formador de opinião, preceitos e caráter de crianças. Principalmente quanto as dificuldades da relação entre pais e filhos que têm se caracterizado como o mais emblemático tipo de conflito de gerações (ADATTO, 1998).

Nesse sentido, Adatto (1998, p.5) traz a ideia de que:

Estamos obcecados por crianças, mas isto não significa que estejamos preservando a noção de infância. Estamos obcecados porque as barreiras entre a infância e a idade adulta estão sendo rompidas, e não sabemos ao certo aonde isto leva.

Em 1948, em Caracas, ocorreu o 9º Congresso Pan-americano da Criança, no qual a pauta girava em torno dos direitos do ser criança; em 1959, com a Declaração Universal dos Direitos da Criança, foi instituído um marco em que a infância passou a ter a devida valorização e a criança levada em consideração, mundialmente, como um indivíduo de direitos pela Organização das Nações Unidas. Os princípios e direitos ganham destaque pela declaração no que diz respeito à igualdade, sem distinção de raça, religião ou nacionalidade; o direito a especial proteção para o seu desenvolvimento físico, mental e social; o direito à alimentação, moradia e assistência médica correta para a mãe e seu filho, além da gratuidade educacional, como também o lazer; jurisprudência protetiva contra o abandono e a exploração no trabalho, entre outros. Instituído-se dessa maneira, essa declaração se consolidou dando a infância um lugar de transformação social com garantia de direitos, onde a criança era considerada como um ser em desenvolvimento, digna e portadora de necessidades especiais e passíveis inclusive de proteção legal (PEREZ; PASSONE, 2010).

Segundo a Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959), à criança deve ser dada a oportunidade de contato com o mundo à sua volta. Ela deve ser livre para brincar e descobrir. Brincar ajuda a criança a ser imaginativa, a criar e a imitar ações vivenciadas, interiorizar regras e a assimilar padrões culturais.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), regulamentado pela Lei Federal nº 8.069/1990, é um dos principais marcos que garantem os direitos das crianças e dos adolescentes no Brasil. Em seu artigo 1º, a lei dispõe sobre a proteção integral das crianças e dos adolescentes. Nesse sentido, ela reduz a ocorrência de discriminação dos brasileiros com menos de 18 anos, independentemente da condição de nascimento, da situação familiar e de outras características relacionadas a essas crianças e adolescentes.

Apesar de tantos avanços jurídico, educacionais e psicológicos no que concerne ao cuidado da criança e a infância, muito ainda deve ser feito e estudado, além de uma fiscalização extensiva por parte da sociedade e do Estado para que esses direitos sejam assegurados e vivenciados da melhor maneira possível por esses pequenos indivíduos.

3. GESTALT-TERAPIA: UM CAMINHO A SER PERCORRIDO

A Gestalt-terapia surge em 1951, advinda de uma psicologia humanista, que acreditava em uma nova visão de ser humano, enfatizando que o indivíduo tem um potencial para crescimento e uma força para sua autorrealização, no qual o homem interage com seu ambiente podendo fazer escolhas, e é visto como responsável por estas (FRAZÃO; FUKUMITSU,2013).

De acordo com Ribeiro (2017), a Gestalt-terapia é uma abordagem psicoterapêutica fundamentada com algumas teorias de base como: psicologia da Gestalt, teoria organísmica, teoria holística e teoria de campo. A psicologia da Gestalt está relacionada com uma percepção e aprendizagem que o homem demonstra, como este se percebe e como percebe o mundo ao seu redor, dentro de uma totalidade existente. No qual emerge figuras e fundos, em que o indivíduo traz e organiza suas percepções.

Já a teoria organísmica parte deste pressuposto de que, o organismo tem uma tendência a atualização para se mover e ser motivado a uma autorrealização, por meios de suas potencialidades pertencentes. A teoria holística apresenta sobre a dimensão do ser no mundo em tudo em que o indivíduo afeta, e que é afetado em suas experiências. Em complemento, a teoria de campo traz que, o homem estar sujeito a sofrer modificações todo tempo em suas relações com o meio, pois, o ambiente influencia como esse campo é vivido pelo indivíduo (RIBEIRO,2017).

A Gestalt-terapia tem como principal teórico Fritz Perls, que após receber seu diploma de médico em 1920 especializou-se em neuropsiquiatria. Logo mais conheceu o filósofo Friedlander, no qual teve uma grande importância para suas obras (HELLOU, 2020). Após anos de pesquisas, Perls decidiu iniciar a criação de sua própria teoria lançando livros e grupos de estudos.

Em seus estudos, Perls faz um destaque à tomada de consciência na experiência recente, onde essa experiência ocorre no aqui e agora, recuperando a percepção do indivíduo. Partindo disso, ele começa a considerar que seria com um profundo contato com o mundo que cada ser se percebe como singular e como sendo articulado ao todo do universo (GINGER, 1995).

A partir dessa percepção, o indivíduo passa a ter um contato consigo e os demais de forma autêntica, que nada mais é do que um ajustamento criativo do

organismo ao meio (GINGER, 1995). Perls, utilizou o conceito “ajustamento criativo” para caracterizar a natureza do contato que o sujeito retém na fronteira do campo organismo/ambiente, pretendendo à sua auto-regulação perante inúmeras condições. De acordo com a Gestalt-terapia, a auto-regulação é o suporte de confiança na fonte da vida, e através dela administramos à realização como a melhor expressão de nós mesmos (D'ACRI; LIMA; ORGLER, 2012).

Para Gestalt-terapia, cada ser humano é responsável por suas decisões e por seus distanciamentos. Todos têm o direito de trabalhar suas particulares questões em seu ritmo, ao nível que lhe é mais confortável e suportável no momento e que pode ser uma percepção, emoção ou uma inquietação presente, ou trazer à tona certa questão mal resolvida do passado, ou uma imensa expectativa das incertezas do futuro (GINGER, 1995).

Esta abordagem da Gestalt- terapia enxerga o indivíduo como um ser que pode assumir uma responsabilidade existencial, fazendo que a compreensão esteja presente nas necessidades existentes, com o propósito de resgatar a habilidade de solucionar suas próprias questões. É a partir da awareness, ou melhor, da sua tomada de consciência que o sujeito se transforma, que ele estará se descobrindo ou se reinventando, construindo uma vida mais autônoma e centrada em suas próprias potencialidades. A awareness é de extrema importância no processo terapêutico, pois é com ela que o indivíduo começa a ter percepção do que acontece em sua vida, e através dessa percepção inicia-se o processo de transformação. Nesse processo se desenvolve uma integração sensório-motora que envolve aceitação e trabalho de transformação e crescimento. Ao ter clareza do que que esteja acontecendo em seu processo terapêutico, o paciente de alguma forma apresenta uma energia enquanto mobilização, ou seja, existe uma grande possibilidade de transformar ou aceitar sua realidade (GINGER, 1995).

Nesse processo terapêutico e, é utilizado o método fenomenológico em que o foco é no aqui e agora, estando atentos a espacialidade e temporalidade em que o sujeito apresenta. Neste aqui e agora, é transportado tudo que diz respeito a emoções e sentimentos vividos, com finalidade de reviver deste passado neste momento presente atribuindo um novo significado. Neste método fenomenológico evitamos as interpretações e explicações do que possa ter acontecido e damos uma nova atribuição para o trabalho desta experiência imediata do paciente (RIBEIRO,2017).

Quando se fala que a Gestalt-terapia trabalha no aqui e agora, não estamos afirmando que o passado não-interessa, mas que ampliamos para a ideia de como é percebido e se manifesta no presente, e com isso poderá tomar uma ação de transformação e ressignificação naquilo que machuca de alguma maneira, assim reverberando em autonomia e conscientização. Segundo os autores Perls, Hefferline & Goodman (1997, p.48), o aqui e agora é utilizado para esclarecer essa unidade de passagem que é o campo de presença. Qualquer aqui e agora é mais do que uma posição determinada, pois significa um campo temporal, de uma área de presença já vivenciada como horizonte de futuro para a materialidade da relação organismo/meio. Portanto, em cada interior de cada aqui e agora, exercemos o contato, que é a reedição criativa do que passou perante as possibilidades abertas pela atualidade (D'ACRI; LIMA; ORGLER, 2012).

Segundo Perls (1942), a necessidade mais relevante do organismo vem a ser a figura até que seja suficiente para esse sujeito, onde essa mesma recua para o fundo em determinado momento, assim dando espaço para outra necessidade. Para ele, os comportamentos são administrados pelo processo de homeostase, conhecido também por autorregulação orgânica, processo no qual o organismo abastece suas necessidades. O organismo possui diversas necessidades e sempre que ele a manifesta, o seu equilíbrio é conturbado, fazendo com o que ele busque no meio algo que lhe satisfaça com o intuito de retomar seu equilíbrio novamente (D'ACRI; LIMA; ORGLER, 2012).

Na ligação de figura e fundo, percebe-se que a figura tem brilho, vivacidade e clareza, salientando o fundo difuso e amorfo; o fundo fala a respeito do campo perceptual, a tudo que é referente ao organismo e ao meio ambiente. O sinônimo de figura é oferecido sempre pelo vínculo com o fundo. Perls acreditava que a vida saudável é a manifestação da fluidez no desenvolvimento de formação figura/fundo, em que as necessidades atuantes do organismo são completas segundo sua circunstância (D'ACRI; LIMA; ORGLER, 2012).

No momento em que a fluidez do desenvolvimento e formação de figuras são suspensas, a figura ou Gestalt não pode ser realizada, assim tornando-se incompleta. Na obra Gestalt-terapia integrada, Poister e Polter, reiteram que as situações incompletas buscam totalidade e, quando conquista poder considerável, o

indivíduo passa a ter sentimentos de preocupação e como também comportamentos compulsivos (D'ACRI; LIMA; ORGLER, 2012).

Na terapia gestáltica o objetivo é procurar instaurar a fluidez do desenvolvimento de formação figura/fundo por meio da análise das estruturas internas da vivência presente; ainda segundo Perls, Hefferline & Goodman (1997, p.46) a fluidez deve ser aplicada até que:

O contato se intensifique, a awareness se ilumine e o comportamento se energize. E o mais importante de tudo, a realização de uma Gestalt vigorosa é a própria cura, porquanto a figura de contato não é apenas uma indicação da integração criativa da experiência, mas é a própria integração.

A responsabilidade é fundamental no processo terapêutico, pois é onde o sujeito começa a ter consciência que é responsável pelo que sente, pelas suas vivências, pelas suas ações e não ações, e tudo que o cerca; sendo consciente que sua vida depende apenas de você e que você é única pessoa que estará presente em toda sua jornada terrena, o sujeito começa a cuidar melhor de si e conseqüentemente do que está ao seu redor (PINHEIRO, 2007).

Após fazermos breves aprofundamentos sobre os princípios e fundamentos do que é a Gestalt-terapia, podemos concluir claramente que essa corrente busca ajudar os indivíduos, a desenvolver mais consciência de suas necessidades e da responsabilidade pelos seus atos e de certa forma, fazer com que o ser humano, crie ou aprimore à sua resiliência, não somente de maneira individual, mais também com relação ao coletivo.

3.1.A GESTALT-TERAPIA NA CLÍNICA INFANTIL: UM OLHAR SOBRE AS ESPECIFICIDADES

Quando falamos de trabalho psicoterapêutico com crianças, fazemos uso de variados termos tais como ludoterapia, psicoterapia infantil e psicanálise infantil. Em uma visão mais ampla, observa-se que seu manuseio ocorre de maneira indefinida, ocasionando concepções difusas em relação a inúmeras abordagens de trabalho psicoterapêutico com crianças que cada uma se debruça (AGUIAR, 2014).

Até aonde sabemos, isso ocorre devido a relativa influência de uma estabelecida abordagem do ser humano no espaço da psicoterapia: a psicanálise. Esta última se utiliza do termo “ludoterapia” fazendo referências aos recursos que são usados no manejo clínico com crianças, onde o significado literal da expressão em inglês se trata de “play therapy” (AGUIAR, 2014).

A expressão ludoterapia mostrou-se presente no meio das psicoterapias devido a publicação do livro de Virginia Axline, que se chama Ludoterapia. Logo então, a publicação desta obra fez com que o termo ganhasse importância no campo terapêutico, denominando qualquer trabalho com crianças em finalidade do manuseio de brinquedos como objetivo de recurso simplificador da expressão da criança (AGUIAR, 2014).

O trabalho com crianças carece de um olhar amplo e sistemático mediante o terapeuta. A criança e o adulto concedem sentidos diferentes de mundo. Sendo dessa maneira, a escuta ao infante se torna diferenciada. Ouvir a criança é procurar assimilar o sentido do que ela traz, ocasionando sua espontaneidade e buscando avaliar se são contenções impostas através do referencial do adulto (CAMPOS; DE TODELO; DE FARIA, 2011).

O desenvolvimento e a dinâmica da criança, sua forma de propagar ideias, pensamentos, sentimentos e a maneira de como entrar em contato, se correlaciona com o meio e são os focos de atenção do Gestalt-terapeuta (Antony, 2006). A forma com que a criança experimenta o contato e atribui um significado aos diferentes campos em que está introduzida, pode ser entendida a partir da forma que ela aplica seu potencial criativo nas sessões psicoterapêuticas (CAMPOS; DE TODELO; DE FARIA, 2011).

O manejo da psicoterapia com crianças deve ser diferente da forma manejada com adultos, pois elas não possuem a mesma maturidade cognitiva de um adulto, necessitando assim do lúdico para organizar reflexões a respeito do assunto trabalhando. Nesse contexto, devemos acompanhar o fluxo de intencionalidades de cada movimento da criança e participar do seu mundo lúdico de cores e formas, aproximando-se de suas intensidades dedicadas em cada momento (CAMPOS; DE TODELO; DE FARIA, 2011).

A prática é executada com o auxílio de técnicas e experimentos que são indispensáveis em respeitar o movimento, a espontaneidade e a singularidade da criança, garantindo sua capacidade de escolha das tarefas a serem efetuadas no decorrer da sessão. Nesta situação, é preciso que exista uma vinculação terapêutica entre cliente e terapeuta, dando-se da presença autêntica e assegurada do terapeuta (CAMPOS; DE TODELO; DE FARIA, 2011).

A participação dos pais ou responsáveis no processo terapêutico da criança proporciona o entendimento de como ocorrem as relações familiares; podemos usar como exemplo a questão de expectativas dos adultos em relação à criança e quais projeções ocorrem (CAMPOS; DE TODELO; DE FARIA, 2011).

Inicialmente todo psicoterapeuta infantil precisa compreender a demanda ao iniciar o processo terapêutico, averiguando de forma meticulosa qual assunto refere-se, a vista que ela é apresentada pelos pais ou responsáveis (AGUIAR, 2014). Percebe-se que à medida em que os pais ou responsáveis por uma criança buscam psicoterapia, primeiramente estão pedindo ajuda com algo, que muitas vezes atrapalha a relação dos mesmos. Desta maneira, vale destacar que existe um aspecto básico relevante da psicoterapia infantil que é a diferença da psicoterapia de adultos, na qual a demanda dos adultos responsáveis pela criança tem a função de ser mensageiros da demanda inicial do processo terapêutico (AGUIAR, 2014).

O sucesso de todo o processo terapêutico está na relação dialógica que é construída entre terapeuta e a criança. Para que isso venha acontecer, é crucial que o terapeuta esteja presente de forma genuína, tendo a empatia de se colocar no lugar do outro, logo dando valor a presença da criança e suas potencialidades (CAMPOS; DE TODELO; DE FARIA, 2011).

A relação terapêutica é tida como o próprio instrumento da psicoterapia sendo um fenômeno interativo facilitador da emergência de maneiras mais saudáveis

de contato com o meio. Essa relação é determinada pelas concepções básicas da confirmação da criança tal qual ela se apresenta e de suas potencialidades, do respeito ao seu tempo e sua forma de ser e estar no mundo, do acolhimento de seus sentimentos e da permissividade de expressão com limites (RIBEIRO, 1991).

Trabalhar com crianças tem que suceder em forma dinâmica no contexto terapêutico. O contato com os pais e a escola são de suma importância, pois auxilia na compreensão de seu campo vivencial. Segundo Aguiar (2005), o contato com a escola é fundamental para devidas finalidades, como a compressão da criança no cenário escolar a partir da percepção desse ambiente, assim como também uma coleta de dados de forma sensível a partir de observações, contatos e orientações com os profissionais envolvidos (CAMPOS; DE TODELO; DE FARIA, 2011).

A criança pode se expressar em diversas maneiras, mas todas serão a sua totalidade; desta maneira, o sintoma não é a centralidade do processo terapêutico, devido a criança ser reconhecida e respeitada como um todo, não importa o que ela demonstre na relação terapêutica; mesmo sem mencionar as queixas, permanecem fazendo parte logo que estão relacionadas ao sintoma vindo pela perspectiva figura-fundo (AGUIAR, 2014).

Através do brincar, é possível proporcionar para a criança as reconfigurações precisas para que se tenha um bem-estar e em virtude de resgate de um desenvolvimento saudável no seu contato com o meio. Nesse ambiente, a criança declara seu ser, divulga seu poder e sua autonomia, desbrava o mundo, realiza pequenos ensaios, assimila aos poucos suas regras e padrões, interpreta o mundo de forma mansa e tolerável. Pelo simples fato de brincar, a criança através das atividades aprende regras, limites e adquire objetivos mais claros, de uma maneira voluntária e satisfatória, fora que todo esse momento do brincar é um belo divertimento, que é motivado por meio de processos íntimos, desejos, problemas e ansiedades (RODRIGUES; NUNES, 2010).

Há várias possibilidades de atuação para o Gestalt-terapeuta, fazendo com que seu processo do atendimento criativo seja ativo. Não importa o que venha ocorrer no espaço terapêutico, sempre o foco do objetivo será de dar suporte a criança com tomada de consciência de si mesma e de sua presença no mundo. Nesse sentido, na medida em que o espaço terapêutico se torna catalisador das potencialidades do cliente (OAKLANDER, 1980; AGUIAR, 2005), o Gestalt-terapeuta infantil poderá

trabalhar esses pontos importantes transformando o processo de brincar de forma ressignificava (RODRIGUES; NUNES, 2010).

O espaço terapêutico é a maneira como estruturamos o ambiente de trabalho, como por exemplo o espaço físico, os móveis e os recursos necessários para o processo terapêutico. O espaço que ocorre a psicoterapia tem seu devido valor, já que sua utilização será como um refúgio de tudo que acontecer no encontro terapêutico. Sendo assim, é importante que seja um ambiente com boa iluminação, com cores fortes, que representem vida, fluidez, e recursos que despertem à criança a dividir seu mundo com o psicoterapeuta, por meio de funções de contato (AGUIAR, 2014).

O ambiente terapêutico infantil tem a necessidade de ser diferente aos demais, pois o próprio ambiente em si já se trata de um facilitador da vivência ali construída. É das demandas da criança que o processo terapêutico vai ocorrendo e o espaço precisa estar flexível o bastante para que isso ocorra de boa maneira (AGUIAR, 2014).

Sabemos a relevância que os recursos lúdicos e o espaço terapêutico possuem, mas mesmo assim o mais valioso é a capacidade de invenção, imaginação e criatividade do psicoterapeuta para modificar em lúdico qualquer objeto que esteja presente no espaço terapêutico; podemos usar como exemplo as almofadas, com um toque de imaginação se transformam em um carro, montanhas, pessoa e o que o cliente desejar, fazendo com que ali nasça um vínculo significativo (AGUIAR, 2014).

Outro detalhe significativo é o piso. Ele deve ser firme, mas de fácil acesso a limpeza para que assim não haja preocupação de sujá-lo; outro ponto importante é a questão da temperatura, já que as crianças gostam de sentarem no chão na sessão terapêutica. Uma alternativa é o carpete, mas não muito satisfatório, devido ser difícil de limpar e limitado, fazendo com que experimentação e expressão seja limitada no ambiente. Outra alternativa para quem possui pisos frios, é revestir partes acarpetadas, de tapetes de borrachas, que podem ser coloridos, posicionados da melhor possível para auxiliar de apoio para as atividades lúdicas. São fáceis de limpeza, logo mais dando mais liberdade para a demanda de cada criança (AGUIAR, 2014).

Esse espaço esse que deve incluir materiais, como tintas, colas e outros equipamentos em que o terapeuta não fique preocupado com a limpeza da sala durante a terapia. Outro fator importante é proporcionar o isolamento acústico da sala, para que haja segurança de que não irá vazar nenhum ruído da conversa da criança com o terapeuta durante a sessão. Torna-se também necessário tomar cuidados com os objetos de decoração de ambiente, com a atratividade e proteção da sala, até mesmo nas janelas; é recomendado a existência de armários para armazenar o material de pintura, recorte, colagem, lápis de diversas cores, canetinhas, giz de cera e outro armário para o armazenamento de jogos que de preferência devem ser guardados por idade (NORONHA; CAMPELO; BARREIRA, 2015).

As probabilidades do brincar são diversas ao ponto de serem infinitas; são instrumentos de comunicação, pois é através dos mesmos que a criança sai de um contexto centralizado em um objeto, para assim transformá-lo em um mediador entre a criança e o seu mundo. Existem determinados materiais que podem ser divididos em estruturados e não estruturados. Os materiais estruturados são brinquedos que despertam a atenção e curiosidade das crianças assim que são avistados, assim contendo sua utilidade de forma clara. Temos como exemplos de materiais estruturados os: jogos, bonecos, miniaturas, fantoches, livros de histórias, instrumentos musicais, videogames, casa com móveis (lego) e brinquedos. Logo, os materiais não estruturados são materiais que não apresentam tanta clareza de sua utilidade assim que são avistados, mas é através deles que a criança expõe de forma artística o significado de suas experiências. Temos como exemplos de materiais não estruturados os: material gráfico, materiais de desenho e pintura, tintas guache, pincel, sucata, argila, areia, papéis coloridos, plástico, marcenaria e desenhos. À visto disso, as probabilidades do brincar são instrumentos mediadores de comunicação, mas não devem ser vistas como fim (RODRIGUES; NUNES, 2010).

4. METODOLOGIA

A metodologia utilizada refere-se a uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa e que tem como base um relato de experiência. Segundo Flick (2012) a pesquisa qualitativa desenvolve estudos através da abordagem da significância subjetiva das questões a partir da percepção dos participantes, do significado de uma situação em foco e por meio das vivências.

Tratando-se dos objetivos, esse estudo classifica-se como descritivo devido proporcionar a descrição de uma situação, que nesse estudo especificamente irá relatar a vivência e experiência de uma estagiária de Psicologia no estágio em processos clínico I e II realizado numa clínica escola.

No estágio supervisionado, a pesquisadora vivenciou experiências enriquecedoras que contribuíram bastante para o aprimoramento da prática de tornar-se profissional. De acordo com Holiday (2006) desenvolver um relato de experiência é uma tarefa desafiadora para o pesquisador na qual ele deve interpretar criticamente a experiência vivenciada. O autor compreende ainda, que no seu processo de sistematização de experiências se faz necessário uma passagem por cinco tempos, que são: o ponto de partida, as perguntas iniciais, recuperação do processo vivido, reflexão de fundo e os pontos de chegada.

O primeiro foi o ponto de partida, que é composto de dois tempos: a participação do autor na experiência que ele pretende descrever e possuir os registros das atividades da mesma, sendo esta última parte essencial para o que o pesquisador consiga relatar informações mais próximas o possível da realidade vivenciada. Nesse sentido, na clínica escola os registros das atividades foram fundamentais para as discussões dos casos clínicos nas supervisões e amadurecimento acadêmico.

O segundo foi designado de perguntas iniciais, e possui três tempos: por meio das quais torna-se possível definir o objetivo (o que se pretende estudar), delimitar o objeto (qual experiência se pretende relatar) e definir os aspectos centrais que serão sistematizados (HOLLIDAY, 2006). Desse modo, realizar a prática enquanto estagiária de atendimento de psicoterapia infantil, objetivou relatar a experiência da autora em prática de estágio infantil, na sua vivência com recursos lúdicos na Gestalt-terapia.

Dando continuidade as etapas, a número três é composta de dois tempos que ele nomeou de reconstrução histórica, ordenação e classificação de informações. Nesse sentido, tal compreensão se torna necessária para se ter uma visão ampla da experiência e colocar os fatos e acontecimentos em ordem cronológica (HOLLIDAY, 2006).

No quarto tempo denominado de reflexão de fundo, Holliday (2006) pontua que se faz necessário analisar, sintetizar e interpretar criticamente a situação vivenciada na qual se pretende relatar, para que assim, possa identificar tensões ou mudanças que ocorreram durante o processo e assim conseguir contextualizar a experiência. Para a concretude do presente estudo, foram realizadas pesquisas sobre o tema, nas bases de dados SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, utilizando descritores: atendimento infantil, Gestalt-terapia e recursos lúdicos. Optou-se como escolha, artigos, revistas eletrônicas, com títulos relacionados ao tema da pesquisa. Foi aplicado filtros de língua portuguesa, texto completo e publicação nos últimos 20 anos.

Como fechamento será abordado a quinta e última etapa, que corresponde ao ponto de chegada, no qual formula-se as conclusões que irão responder os objetivos propostos por esse estudo. Nessa etapa, a supervisora teve grande relevância no decorrer do estágio, pois a solicitude em buscar junto a estagiária a condição de desfazer dúvidas quando estas surgiram, apoiando e acompanhando na condução correta e adequada, em cada atendimento.

O estágio clínico foi realizado em uma Clínica-Escola de Psicologia, serviço vinculado a um Centro Universitário localizado no município de Fortaleza-Ce. Essa pesquisa descreve a experiência vivenciada de uma estagiária na Clínica-Escola, durante o estágio clínico, com a abordagem da Gestalt-terapia, frente ao público infantil e com a utilização de recursos lúdicos. O aspecto temporal do estágio clínico com crianças iniciou-se em 06/02/2020 e o término ocorreu 11/12/2020.

Diante tudo que foi mencionado neste tópico da metodologia deste trabalho, é importante ressaltar que a área da psicologia, assim como outras demais áreas que realizam atendimento e pesquisa com seres humanos, tem aspectos éticos para zelar da sua prática profissional, mesmo que ainda não estejam com sua formação concluída. Levando em consideração o exposto, o presente estudo não necessitou ser submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, devido o mesmo abordar

as experiências subjetivas da autora e não ter abordado diretamente com seres humanos.

5. RELATO DE EXPERIÊNCIA

A graduação em Psicologia sempre foi o sonho da pesquisadora, pois desde a adolescência a admiração e vontade de exercer a profissão percorria em seu ser. No percurso acadêmico conheceu abordagens teóricas que lhe fizeram perceber que eram mais que teorias e sim visões de homem e mundo. Através dessa percepção encontrou uma afinidade pessoal com a abordagem humanista, mais precisamente na Gestalt-terapia; percebeu também que esta abordagem já estava em sua caminhada há muitos anos, pois era sua forma de viver a vida.

É importante salientar que a pesquisadora compreendeu que por mais que pesquise e consiga se aprofundar a temática, jamais compreenderá todo o propósito e a complexidade que envolve a Gestalt-terapia. Nesse contexto, convém pontuar que a motivação a se debruçar nos estudos, é a importância da sua profissão para o mundo, o simples fato de um ser humano poder ajudar outro, como algo transformador, gratificante e inspirador.

Nos dias atuais, os indivíduos vivem em rotinas cada vez mais caóticas, fazendo com que muitos, não tenham tempo para buscarem desenvolver hábitos saudáveis; vários são os problemas enfrentados por essas pessoas, acarretando vários tipos de transtornos, sendo os mais conhecidos os de ansiedade e depressão.

A depressão e a ansiedade na contemporaneidade são consideradas doenças de imenso impacto social, ocasionando nos sujeitos uma instabilidade, assim como uma incapacidade de estar bem no convívio familiar e social, tornando-se desta forma um problema de saúde pública, que está ganhando espaço na sociedade nos últimos anos, e seu tratamento normalmente é a partir de psicoterapias e medicamentos (PARK; KIM, 2020).

Se faz cada vez mais necessário o papel dos psicoterapeutas na sociedade, devendo os mesmos buscarem entender as diversidades, complexidades e os desafios que é a existência humana, entender seus processos e lidar com as suas angústias, a fim de serem atuantes suas vidas e entender como lidar e agir, frente suas diversidades. “A psicoterapia trata-se de um recurso metodológico de tratamento psicológico que é executado pelo profissional da área, tendo como objetivo acompanhar as pessoas na busca de solucionar seus problemas e angústias” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 624).

Um dos fatores que tornam mais instigante essa jornada incessante por conhecimento é a identificação com a abordagem escolhida. Essa identificação da abordagem é de suma importância, pois através dessa sintonia com a abordagem o psicoterapeuta conduz com fluidez seus atendimentos, fazendo com que o cliente reconheça as potencialidades, tanto do psicoterapeuta quanto as suas, mas também diferenciando o seu mundo do espaço vital do cliente.

A ânsia para praticar o que era aprendido diariamente com estudos e preparações foi imenso, mesmo assim a pesquisadora precisou passar por supervisões para receber mais informações e instruções de como conduzir os atendimentos. Nesse sentido, em uma formação psicoterapêutica:

O ponto mais significativo é a supervisão, nesse contexto os atendimentos clínicos e a supervisão estão altamente entrelaçados. Portanto, a supervisão é tida como uma prática singular que oferece suporte aos atendimentos clínicos. É por meio dela que o estagiário possui um ambiente no qual utiliza para reflexões de suas vivências, possibilitando insights para novas intervenções (BUYS, 1987, p.111).

A pesquisadora relata a importância do papel desempenhado pela supervisora, pois acreditava que os sentimentos de empatia e respeito foram imprescindíveis para o amadurecimento acadêmico, das fragilidades e potencialidades. O acolhimento dispendido pela supervisora no prosseguimento das supervisões tornou-se necessário pois gerou um ambiente seguro, pacífico e cordial, criando um vínculo de respeito e confiança, não só entre a pesquisadora e a supervisora, mas também entre os demais estagiários.

De acordo com Martins (2005) é por meio de um acolhimento efetivo que os profissionais podem construir relações interpessoais estruturadas, estáveis e contínuas seja essa com profissionais ou pacientes, por meio das quais seja possível significar os envolvidos e sistematizar o atendimento psicológico. Nesse sentido, como retratado por Malaguzzi (1999) faz-se necessário romper os percalços que interferem no acolhimento de boa qualidade.

De fato, várias inadequações podem ser observadas nos espaços de acolhimento, entre elas a inexistência ou a insuficiência de momentos propiciadores do afloramento da subjetividade infantil, que pode ser manifestada pelas múltiplas linguagens disponíveis à criança, como a ludicidade, o contar e o recontar de histórias, entre outras (MALAGUZZI, 1999, p.30).

Durante o processo de supervisão houve entre os estagiários e a pesquisadora momentos no qual ocorreram trocas significativas de experiências, gerando insights e fazendo com que fosse criada uma conexão entre os estagiários. Esse apoio esse foi crucial para ultrapassar momentos de inquietação e dúvidas em cada adversidade que se apresentava na jornada, impostas pela carga horária exaustiva e as dificuldades que eram geradas pelos atendimentos. “O insight é a estruturação comum no ambiente perceptivo, que visa gerar um significado para as realidades, tornando-se uma Gestalt, e fazendo com que os elementos se tornem relevantes ao todo” (HEIDBREder, 1933, p.355).

No período em que decorreu os atendimentos do estágio na clínica da instituição, a pesquisadora deparou-se com um desafio de pôr em prática tudo que havia estudado e debatido durante sua graduação, foi onde percebeu que a prática é totalmente diferente da teoria, e que passar pelo estágio é de extrema necessidade para o fortalecimento e construção da base de atendimento do psicoterapeuta.

É por meio do estágio supervisionado que o graduando tem a oportunidade de conhecer melhor o meio profissional. O estágio supervisionado possui uma fundamental importância na construção de ser psicoterapeuta, no manejo de conhecimentos e posicionamentos éticos, metodológico, teórico e prático (BARRETO; BARLETTA, 2010, p. 157).

Antes de iniciação com atendimentos psicoterápicos, é necessário a realização de uma primeira entrevista. Havendo em vista isto, é de suma importância a realização desta, que funciona até mesmo como ponto de partida para este primeiro encontro entre o terapeuta e cliente (PINHEIRO, 2007).

Segundo Pinheiro (2007) é neste encontro da primeira entrevista que o que o terapeuta e cliente tem um contato inicial e o cliente vai poder falar sobre suas demandas para a psicoterapia. No caso de atendimentos com crianças a primeira entrevista é destinada primeiramente com os pais, em que Oliveira (2014), destaca a importância do psicoterapeuta estabelecer uma escuta com os responsáveis bem cuidadosa no que diz respeito as relações estabelecidas nesse contexto familiar da criança. Vivenciar estes momentos de fechamento da entrevista com os responsáveis, antes deste estabelecer contato com este público infantil, ocasionou a pesquisadora ansiedade, mas uma ansiedade voltada para se preparar para este atendimento voltado para as crianças, apesar de ter estudado teoricamente sobre o atendimento

com crianças, muitas vezes a pesquisadora se questionou, em quais tipos de recursos devia utilizar e o que deveria fazer primeiramente para iniciar este atendimento.

Esta entrevista inicial funciona como uma Triagem com dados relevantes sobre o paciente, sua queixa principal, e até mesmo as frustrações dos responsáveis e suas expectativas sobre a criança e a fim de proporcionar um melhor norteamento e compreensão sobre o paciente a ser atendido (OLIVEIRA,2014).

Ao finalizar a triagem, ainda neste atendimento, é necessário que seja apresentado o termo TCLE solicitando assinatura do responsável legal e o contrato terapêutico, no qual será estabelecido como acontecerá as sessões de atendimentos, definindo dia, horário e todas as outras demais regras do funcionamento da psicoterapia com a criança. Este contrato terapêutico tem finalidade de evitar mal entendidos, clarificando a forma de atendimento e suas condições da proposta do terapeuta e deveres do paciente e responsáveis legal da criança (PINHEIRO,2007). Ao experienciar este momento de triagem com a criança, é válido ressaltar que em alguns momentos, ao perguntar para a criança o que, e qual era o sentido que ela atribuía estar naquele momento, em uma sala de atendimento psicoterápico, foram questionamentos que uma vez feito com este público, fez a pesquisadora experienciar cogitar que sentido aquele público infantil atribuía aos atendimentos.

Terminando este processo com o responsável legal da criança, em uma sessão posterior inicia-se o primeiro contato do terapeuta com o paciente, também conhecida como entrevista inicial com a criança. No qual o objetivo desta entrevista é realizar este estabelecimento de vínculo com esta, possibilitando que a mesma se sinta segura e acolhida para expressar o que sente (OLIVEIRA,2014). Ao iniciar este processo de contato com a criança e estabelecer o contrato terapêutico de uma forma lúdica, a pesquisadora obteve por algumas vezes o receio de não estabelecer uma linguagem acessível para comunicar sobre estas questões do contrato e regras da clínica, mas que por sua vez depois de adentrar nesta experiência, foi possível perceber que no exato momento da experiência e atitudes da criança houve um entendimento do que foi acordado naquele instante.

Contextualizando o conhecimento adquirido, no primeiro momento a pesquisadora sentiu um pouco de ansiedade e apreensão perante seu primeiro contato, haja visto de ser de grande responsabilidade, por tratar-se de uma vivência enriquecedora e continua.

Existem algumas técnicas utilizadas pela pesquisadora, que consiste em criar um vínculo de maneira empática com o cliente, visando não somente obter informações, mas também de forma não dolorosa e fluida, nesse caso, com os pais ou responsáveis, e posteriormente com a criança. Uma delas é o rapport: “o rapport é uma técnica que proporciona um contato emocional nos primeiros momentos entre terapeuta e cliente, possibilitando uma aproximação das demandas do cliente“(INGHAM; LOVE,1954, p. 61).

Nestas sessões de primeiro contato com atendimentos as crianças, conforme Oliveira (2014) aborda também cabe ao terapeuta estabelecer um contrato de forma verbal com esta criança, sobre ela, o terapeuta e até mesmo sobre o uso da sala e recursos e seu horário destinado.

Com o passar do tempo, a pesquisadora foi sentindo-se confiante em suas ações, proporcionando assim uma melhor postura diante das demandas apresentadas.

Rodrigues e Nunes (2010) nos trazem que desde o início da primeira sessão de atendimento é importante destacar que este atendimento com crianças difere bastante dos atendimentos com outros públicos pois é necessário que este ambiente terapêutico precisa ser propício para que a criança consiga tomar consciência de si e instigando sua potencialidade. Ser estagiário clínico de Gestalt-terapia com crianças quer algumas habilidades, e conforme Rodrigues e Nunes (2010) afirmam que este psicoterapeuta se envolva nesse mundo da criança, estando com uma postura ativa e não diretiva neste processo de acolhimento desta criança, colocar limites quando preciso. Ainda a complemento que o terapeuta:

Deve respeitar o ritmo, o fluir, a espontaneidade e a singularidade da criança que, em seu movimento de autorregulação, manifesta uma dinâmica psicológica própria que organiza a escolha dos brinquedos, jogos e/ou atividades durante a sessão (ANTONY, 2010, p. 81).

O brincar torna-se muito importante para os atendimentos psicoterápicos com crianças, funcionando como meio de comunicação e mediador entre a criança e seu mundo. Por meio deste ato de brincar há aspectos que podem indicar modos de estado da criança e como ela se relaciona com este seu mundo (RODRIGUES, NUNES,2010). Experenciar este momento de atender crianças, implicou que os atendimentos precisavam utilizar brinquedos para atender este público e que por

algumas vezes, a pesquisadora sentiu uma dificuldade em escolher alguns brinquedos para levar para os atendimentos, no qual se deparou com pensamentos voltados se estaria fazendo a escolha certa do brinquedo para o desenvolvimento cognitivo e emocional daquela criança a ser atendida, e até mesmo se a criança iria se sentir motivada a brincar com aquele brinquedo.

De acordo com Noronha e Barreira (2016), o uso do brincar no ambiente terapêutico possibilita a criança libertar seus pensamentos, sentir, viver e reviver experiências, e através do rapport, vínculo estabelecido, atitude de contato com a criança, pode abrir espaços para que esta demonstre suas angustias e conflitos. Lima e Lima (2015), ressalta que, a psicoterapia com crianças em Gestalt-terapia é possível buscar entender esta criança na sua totalidade e promover uma reconfiguração, resgatando um funcionamento de forma saudável desta criança em sua relação com o mundo.

Enquanto aos recursos lúdicos utilizados para esta prática do brincar nos atendimentos conforme Aguiar (2014) destacar que, precisam dispor de segurança e relevância para os atendimentos, com recursos de boa qualidade e resistência, material atóxico, fácil de manejar e sem riscos para manipulação.

No estágio supervisionado, a pesquisadora teve a possibilidade de usufruir de uma brinquedoteca na clínica-escola. No qual havia apenas alguns brinquedos e jogos para utilizar nos atendimentos, proporcionou a abertura da criatividade da criança para externalizar de várias outras formas suas demandas e possibilitando uma construção do vínculo. O importante não era a quantidade de brinquedo, mas a relação estabelecida neste setting terapêutico.

De acordo com o manejo terapêutico, foram disponibilizados brinquedos que não prejudicassem a criança no manuseio dos mesmos, favorecendo segurança e êxito no processo terapêutico. Em se tratando da relevância dos brinquedos utilizados, foi feito uso de materiais estruturados e não estruturados.

Conforme Aguiar (2014), relata os recursos lúdicos estruturados utilizados na prática clínica são assim denominados, pois possuem uma forma concreta, tais como exemplo: família de bonecos, bichos domésticos e selvagens casinha com mobília, boneco bebê, kit de ferramentas, maleta de médico, blocos de construção, fantoche, máscaras, figuras de autoridade em geral, telefone, quebra cabeça, acessórios como: chapéu, óculos, figura e revistas velhas, espelho, jogos, João

teimoso, bola e bola de gude e outros.

Com estes objetos lúdicos, a pesquisadora percebia que a criança na maioria das vezes já tinha uma história construída, mesmo que em alguns momentos fosse percebido que a criança estava contribuindo com algum detalhe da sua vivência. Os materiais não estruturados podem ser vistos como objetos que a criança cria com sua subjetividade dando um sentido próprio, como exemplo, massa de modelar, argila, tinta, lápis, borracha, canetinha, apontador cola branca, barbante, fita adesiva, caixa de areia e afins; a criança demonstrava ao criar, manusear, uma maior conexão com o seu mundo (AGUIAR, 2014). Para o autor: “Os recursos existentes no setting terapêutico precisam ser de fácil acesso, assim como simples, para que não ocorra frustração na criança ao tentar manusear” (AGUIAR, 2014, pg. 228).

A vivência da estagiária foi repleta de desafios que gerou muita ansiedade como: fazer uma articulação entre teoria e prática, do preenchimento dos prontuários de cada cliente a cada sessão, dos estudos realizados objetivando dirimir as dúvidas, de saber se estava atendendo “corretamente” dentre outras. “A ansiedade é a essencial para o equilíbrio, pois se não estamos certo do nosso papel ficamos perdido no que devemos fazer” (PERLS, 1977, p. 15).

Conforme o Código de Ética do Psicólogo, Art.9º: é dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas que venham a ter acesso ao atendimento profissional. Nesse contexto podemos citar as crianças atendidas que mesmo sendo menores de idade, o respeito ao que era dito era preservado. Por conta da paciência, dos estudos, do respeito e da sensibilidade da pesquisadora, houve uma construção de vínculo entre cliente e terapeuta que acarretou numa confiança entre os mesmos, fazendo com que decorresse uma presença ativa por parte da pesquisadora e também das crianças, facilitando assim o manejo no processo terapêutico. Nesse sentido, foi percebido uma fluidez no contato e que gerava um “sentir-se à vontade” por parte das crianças, num vínculo que era formado a cada encontro. Esse fluxo leve e contínuo das demandas que foram levadas ao ambiente terapêutico, possibilitou um contato autêntico e único na tentativa de compreensão dessas demandas.

Portanto, ter sido estagiária em processos clínicos em Gestalt-terapia tratou-se de uma experiência singular, pois a pesquisadora encontrou a teoria em forma de ação. Vale ressaltar que construir esse relato de experiência foi

extremamente desafiador, na medida em que proporcionou uma reinvenção na busca de ser sensível, e mais presente para assim acolher a criança na sua singularidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que através deste relato de experiência, na prática clínica em Gestalt-terapia com crianças, que a pesquisadora tem o dever de ir sempre em busca de aprimorar conhecimentos a mais, sobre seu público atendido, envolvendo questões éticas, metodológicas e teóricas. Ao atender o público infantil o acolhimento é fundamental para descobrir potencialidades da criança, gerando assim uma ressignificação de suas vivências por meio do lúdico. Destaca-se ainda, que a atuação do psicólogo infantil se torna relevante devido esse profissional ser facilitador de um ambiente seguro e acolhedor. No entanto o psicólogo tem que estar disponível e aberto para adentrar dentro deste universo infantil.

Constatou-se os mais variados tipos de desafios no decorrer do estágio do curso de Psicologia na clínica escola, sendo a ansiedade e a insegurança aspectos primordiais que perpassaram a prática clínica no momento dos atendimentos por parte da estagiária. Nesse tocante, as supervisões e os conhecimentos teóricos foram subsídios importantes no enfrentamento dos desafios do presente estágio.

Em relação ao manejo foi intrigante voltar-se para o atendimento de crianças, tendo em vista que a pesquisadora por muito tempo durante a sua graduação voltou-se para o público adulto; porém, após se deparar com o atendimento infantil, percebeu que apesar dos desafios, tornou-se gratificante, de poder sentir o contato e a conexão na relação. Foi enriquecedor caminhar junto com a criança respeitando seu ritmo de estar no mundo e se empoderando da sua essência.

Por meio dessa experiência, ficou claro para a pesquisadora que as crianças, precisam de um espaço só delas, para assim demonstrarem de forma espontânea, sem medo de nenhum julgamento, suas angústias e sonhos. E os recursos lúdicos utilizados em seus atendimentos é primordial para estabelecer um contato com esta criança, e que a utilização-sensível e ética-implica numa segurança e relevância para a demanda do atendimento

A pesquisadora percebeu que a existência de um espaço físico adequado, de acolhimento, respeito e da utilização de recursos lúdicos estruturados e não estruturados foram aspectos fundamentais para que a criança desenvolvesse através do brincar, suas potencialidades, seus medos e seus pensamentos, desenvolvendo ainda mais o seu lado criativo, empático e resiliente.

Foi percebido que os conhecimentos e vivências adquiridas no decorrer do estágio demonstraram que os objetivos do presente relato de experiência foram contemplados devido notar-se que os atendimentos proporcionaram elos e contatos, que provavelmente tiveram impactos na vida das crianças, pais ou responsáveis, e da própria pesquisadora.

Portanto, espera-se que este relato de experiência possa de alguma forma contribuir para o aperfeiçoamento das práticas dos profissionais de psicologia frente as crianças, e ser de relevância para minimizar as angústias e ansiedades dos estagiários diante desse público, bem como demonstrar a importância da psicologia na atuação no público infantil para comunidade acadêmica e científica.

REFERÊNCIAS

- ADATTO, K. Conceito de infância passa por transformação. In: O Estado de São Paulo, 1998.
- AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. Summus Editorial, 2014.
- AGUIAR, L. O processo terapêutico em Gestalt-Terapia com crianças. Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática. São Paulo: Livro Pleno, p. 185-240, 2005.
- ANTONY, S. A criança em desenvolvimento no mundo: um olhar gestáltico. **IGT na Rede ISSN 1807-2526**, v. 3, n. 4, 2006.
- ARIÈS, P. História social da criança e da família Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ARIÈS, P. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973. p. 279.
- BARBOSA, A. A.; MARIA, G. S. A concepção de infância na visão Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância. **EXAMĀPAKU**, v. 1, n. 1, 2013.
- BARRETO, M. C.; BARLETTA, J. B. A supervisão de estágio em psicologia clínica sob as óticas do supervisor e do supervisionando. **Cadernos de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde (ISSN 1980-1769)**, v. 12, n. 12, 2010.
- BERNARTT, R. M. A infância a partir de um olhar sócio-histórico. 2016.
- BOCK, A. M. B.; FORTADO, O.; TEXEIRA, M. L. T. Psicologias. 1999.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília.
- BURGUIÈRE, A.; DUBY, G. Histoire de la famille. A. Colin, 1986.
- BUYS, R. C. Supervisão de psicoterapia na abordagem humanista centrada na pessoa. In: Supervisão de psicoterapia na abordagem humanista centrada na pessoa. 1987. p. 111-111.
- CAMPOS, B. G.; DE TOLEDO, T. B.; DE FARIA, N. J. Clínica gestáltica infantil e integralidade em uma unidade básica de saúde. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 17, n. 1, p. 23-29, 2011.
Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735615005.pdf> Acesso em: 03 mar. 2021
- CORSARO, W. We're friends, right: inside kid's cultures. Washington, DC: Joseph DA SILVA, A. S. A linguística cognitiva uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista portuguesa de humanidades**, v. 1, n. 1, p. 59-101, 1997.

D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. Dicionário de Gestalt-terapia: "gestaltês". Summus Editorial, 2012.

DOLTO, F. La causa de los niños. Buenos Aires, Paidós: 1993.

FINKEL, L. A. O lugar da mãe na psicoterapia da criança: uma experiência de atendimento psicológico na saúde pública. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, n. 1, p. 190-203, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000100016 Acesso em: 12 de abril, 2021.

FLICK, U. Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes. Penso Editora, 2012.

FOREWORD DE MAUSE, L. The history of childhood - the untold story of child abuse. 1991.

FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo. Summus. 2013

FREITAS, F. A.; NORONHA, A. P. P. Habilidades do psicoterapeuta segundo supervisores: diferentes perspectivas. **Psic: revista da Vetor Editora**, v. 8, n. 2, p. 159-166, 2007.

FULGENCIO, L. O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 42, n. 1, p. 123-136, 2008.

GIL, A. C.; VERGARA, S. C. Tipo de pesquisa. Universidade Federal de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2015.

GINGER, S. Gestalt uma terapia do contato. Summus Editorial, 1995.

GONDRA, J. G. A emergência da infância. **Educação em Revista**, v. 26, n. 1, p. 195-214, 2010.

HELOU, F. E você, o que escolhe?. Vozes em letras: Olhares da Gestalt-terapia para a situação de pandemia, p. 293, 2020.

HERZBERG, E.; CHAMMAS, D. Triagem estendida: serviço oferecido por uma clínica-escola de Psicologia. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 19, n. 42, p. 107-114, 2009.

HISTÓRIA DO MUNDO. História do mundo, Iluminismo. Página inicial. Disponível em: < <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/iluminismo.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

HOLLIDAY, O. J. Para sistematizar experiências/Oscar Jara Holliday; tradução de: Maria Viviana V. 2006.

INGHAM, H. V.; LOVE, L. R. O processo de psicoterapia. 1954.

JORGE, J. D. A construção da associação livre na obra de Freud. **Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais**, 2007.

KÖHLER, W. Psicologia da Gestalt. **D. Jardim. Trad. B. H: Itatiaia** (Trabalho original publicado em 1947), 1980.

KUHLMANN J.R, M.; FERNANDES, F. S. Infância: construção social e histórica. **Educação infantil e sociedade. Questões contemporâneas**. Nova Petrópolis, RS: Nova Harmonia, p. 21-56, 2012.

LEANDRO, M. E. Transformações da família na história do Ocidente. **Theologica**, v. 41, p. 51-74, 2006.

LIMA, M. S. L. Reflexões sobre o estágio/prática de ensino na formação de professores. **Revista Diálogo Educacional**, v. 8, n. 23, p. 195-205, 2008.

LOCKE, J.; MONTUORI, M. Epistola de tolerantia. In: A Letter Concerning Toleration. Springer, Dordrecht, 1963. p. 6-117.

MALAGUZZI, L. Ao contrário, as cem existem. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MARTINS, P. C. O desenvolvimento pessoal e social da criança em contexto de vida institucional: elementos para uma análise da ecologia da interpessoalidade. 2005.

MUNDO DA EDUCAÇÃO. mundodaeducação, Revolução Francesa. Página inicial. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/revolucao-francesa.htm%20>> Acesso em: 20 mar. 2021.

NASCIMENTO, C.; BRANCHER, V.; OLIVEIRA, V. A. Construção Social do Conceito de Infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Contexto & Educação**, v. 23, n. 79, p. 47-63, 16 maio 2013.

OAKLANDER, V. A abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.

OLIVEIRA-MONTEIRO, N. R.; NUNES, M. L. T. Supervisor de psicologia clínica: um professor idealizado?. **Psico-USF**, v. 13, n. 2, p. 287-296, 2008.

PARK, S. C.; KIM, Y. K. Transtornos de ansiedade no DSM-5: mudanças, controvérsias e direções futuras. **Transtornos de ansiedade**, p. 187-196, 2020.

OLIVEIRA, Evelyn Denisse Felix de. Um panorama do processo psicoterapêutico infantil em Gestalt-terapia. IGT rede, Rio de Janeiro , v. 11, n. 20, p. 01-15, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262014000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 jun. 2021.

PAULA, C. C. *et al.* Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 3, p. 468-472, 2014.

PEREZ, J. R. R.; PASSONE, E. F. Políticas sociais de atendimento às crianças e aos adolescentes no Brasil. **Cadernos de pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 649-673, 2010.

PERFEITO, H. C. C. Si.; MELO, S. A. Evolução dos processos de triagem psicológica em uma clínica-escola. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 21, n. 1, p. 33-42, 2004.

PERLS, F. A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia. In: A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia. 1977. p. 210-210.

PINHEIRO, M.C. E.; A primeira entrevista em psicoterapia. The first interview in psychotherapy. **IGT na Rede ISSN 1807-2526**, v. 4, n. 7, 2007.

PINTO, M.; SARMENTO, J.M. Manuel. A infância como construção social. 1997.

RESOLUÇÃO, Nº. 5, de 15 de março de 2011. Brasília, DF: Ministério da Educação.

RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica** .7ed. São Paulo. Summus.2017.

ROCHA, A. S. V. *et al.* Acolhimento em saúde no Brasil: Uma Revisão Sistemática. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, v. 11, n. 24, p. 69-99, 2021.

RODRIGUES, Priscila; NUNES, Arlene Leite. Brincar: um olhar gestáltico. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 16, n. 2, p. 189-198, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 jun. 2021.

RUDNICKI, T.; CARLOTTO, M. S. Formação de estudante da área da saúde: reflexões sobre a prática de estágio. **Revista da SBPH**, v. 10, n. 1, p. 97-110, 2007.

SCHMIDT, M. B.; NUNES, M. L. T. O brincar como método terapêutico na prática psicanalítica: uma revisão teórica. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 6, n. 1, p. 18-24, 2014.

SOUZA, M. K. *et al.* Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE): fatores que interferem na adesão. **ABCD. Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva** (São Paulo), v. 26, n. 3, p. 200-205, 2013.

TENUTA, A. M.; LEPESQUEUR, M. Aspectos da afiliação epistemológica da Linguística Cognitiva à Psicologia da Gestalt: percepção e linguagem. **Ciências & cognição**, v. 16, n. 2, 2011.

UNICEF *et al.* Declaração universal dos direitos da criança. Acesso em, v. 21, n. 10, p. 201, 1959.